

AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA:

de uma perspectiva lingüística a uma perspectiva social

Soraia Cristina Blank

RESUMO

Este ensaio mostra a necessidade de compreensão dos processos de aquisição de segunda língua (L2), através de diferentes teorias que envolvem a linguística aplicada, por motivos comunicacionais e para uma melhor compreensão dos motivos relacionados aos sucessos e insucessos observados em aprendizes de L2.

PALAVRAS-CHAVE: aquisição, gramática universal, aculturação, sociolingüística.

É na tentativa de justificar a escolha da entrevista como instrumento estrutural de uma investigação acadêmica particular, que deu origem a minha pesquisa de mestrado (MIGUEL, 2009), que inicio algumas breves considerações sobre o tema. Em primeiro lugar, é conveniente esclarecer que tal escolha não foi meramente casual, mas, ao contrário, partiu de algumas reflexões sobre o conceito de ciência, método e pesquisa científica nas diversas áreas do conhecimento, especificamente no campo da Linguística Aplicada. Observei, inicialmente, que fazer ciência na área de Ciências Humanas tratava-se de um desafio curioso, dada a complexidade e subjetividade do seu principal objeto de estudo. Além disso, observei que a perspectiva verificacionista – pautada em determinados princípios, regras e métodos definidos pela comunidade científica, tida como a mais valorizada instância de produção de conhecimento legítimo – poderia agora ser substituída por uma perspectiva interpretativa – ou interpretativista, nas palavras de Moita Lopes (1994) –, na qual se busca a compreensão, valoriza-se a interpretação e se reconhece a centralidade da linguagem nos processos de objetivação (SÁ, 2001).

Re-significando nossa visão sobre a ciência, a pesquisa passa a ser entendida como uma prática social reflexiva e crítica. Como propõe a autora,

Já não se busca a neutralidade do pesquisador, antes, transforma-se a subjetividade em um recurso a mais. O rigor passa a ser explicitação da posição do pesquisador (...) A perspectiva interpretativa é fruto da crítica recente à naturalização dos fenômenos sociais, e destaca o entendimento de que conceitos e teorias são fenômenos culturais, socialmente construídos e legitimados. Entende-se o conhecimento não como algo a ser possuído, mas como algo que se constrói coletivamente (SÁ, 2001, p. 40).

A investigação proposta por mim teve natureza essencialmente qualitativa e interpretativa, já que o objetivo por ela visado não foi o de delinear amostras representativas, mas o de explicitar os critérios de escolha dos participantes envolvidos e o de entender os significados construídos por eles a partir da leitura do contexto sociocultural de suas atividades cotidianas. Esse modo de fazer ciência parece mais adequado para “dar conta do fato de que a linguagem é, ao mesmo tempo, condição para a construção do mundo social e caminho para compreendê-lo” (Moita Lopes, 1994:334).

Como propõe Oliveira (1998), o bom método seria aquele que permitisse reconhecer o maior número de coisas com o menor número de regras. No entanto, é importante lembrarmos que as Ciências Humanas tenderiam a apresentar resultados mais complexos e satisfatórios ao trabalharem interdisciplinarmente, abrangendo os múltiplos aspectos dos fenômenos estudados (CHAUI, 1994, p. 277). As ciências do homem comportariam vários ramos específicos, de acordo com seus objetivos e métodos, os quais não devem inibir a aproximação entre as áreas.

Ao propor seu objeto de estudo, como foi o caso do objetivo geral de minha investigação – um estudo da produção e da recepção do gênero crítica cinematográfica – o linguista aplicado não deve se esquecer de que ele, como pesquisador, busca “elementos teórico metodológicos que permitam melhor descrever os modos de inserção e funcionamento dos materiais escritos no campo sociocultural e político” (SIGNORINI, 2001, p. 10). Para isso, seria necessário “compreender não apenas as condições de produção e os modos de circulação” desses materiais escritos, mas também “as práticas socioculturais nas quais estão embutidos e que os constituem como materiais significativos”, como sugere a autora. Optei pelo uso da entrevista – na constituição dos arquivos e do *corpus* de análise de minha pesquisa – como instrumento dinâmico, flexível e criativo, capaz de fornecer maior contribuição diante dos objetivos gerais e específicos a serem alcançados. Realizada esta breve introdução, que contextualiza o percurso teórico e a escolha metodológica da investigação realizada, passo agora a uma reflexão mais aprofundada sobre os fundamentos e as práticas da entrevista.

1 CHOMSKY E A GRAMÁTICA UNIVERSAL

Segundo Mitchell e Myles (1998), na década de 50 e no início da década de 60, a teorização que se fazia na área de aprendizagem de L2 estava estreitamente relacionada às questões práticas do ensino de línguas. No entanto, desde o movimento da reforma na área de ensino de línguas, no final do século XIX, havia a tendência de se tentar propor uma base teórica na área de aprendizagem de línguas para fundamentar os métodos que surgissem. Com relação ao conteúdo lingüístico destas

propostas pedagógicas, havia o respaldo de uma versão do estruturalismo desenvolvido por Palmer, um lingüista inglês, na década de 20.

Chomsky (1959) afirma que as crianças são criativas, na medida em que internalizam regras que lhes permitem criar novas sentenças. Havendo feito a distinção entre competência (capacidade para produzir sentenças gramaticalmente corretas) e desempenho (a efetivação daquela capacidade de uso), Chomsky prefere trabalhar com a língua em abstração, ou seja, orientada para a competência, pois a produção está cheia de incorreções.

Chomsky propõe a existência de uma Gramática Universal, comum a todos os seres humanos, governada por princípios e parâmetros “que controlam a forma que as línguas humanas podem tomar, sendo o que faz as línguas humanas serem similares entre si.” (Mitchell e Myles, 1998).

Ellis (1994), afirma que a Hipótese Universal assume que o conhecimento lingüístico é homogêneo, ignorando a variação. Mitchell e Myles (1998) apontam a limitante preocupação com a sintaxe, deixando-se de lado aspectos como semântica, pragmática e discurso.

2 A TEORIA DO MODELO MONITOR

Krashen (1985) faz a distinção entre aquisição – processo subconsciente idêntico ao processo que a criança utiliza ao aprender sua primeira língua – e aprendizagem – processo consciente que resulta em saber sobre a língua. Em sua hipótese sobre o modelo monitor, o aluno utiliza suas estratégias de aprendizagem para aprimorar sua assimilação relacionada ao input (insumo) recebido.

Por isso, o aprendiz se move em um contínuo de desenvolvimento na medida em que recebe insumo compreensível em L2. Esse tipo de insumo é aquele um pouco além da sua atual competência, em termos de complexidade sintática (Mitchell e Myles, 1998) e representado pela fórmula $i+1$. Segue-se que um insumo muito simples ou muito complexo não são úteis no processo de aquisição de L2. O primeiro por já ser conhecido e o segundo por estar além da capacidade de compreensão do aprendiz, não podendo ser transformado em insumo absorvido (intake). Assim sendo, a fala não é causa da aquisição, é o seu resultado (Ellis, 2002), diferentemente da posição defendida pelos teóricos interacionistas. Por sua vez, fatores como motivação, autoconfiança e ansiedade, assumem um papel facilitador na aquisição de L2.

O VALOR DO INSUMO E DA INTERAÇÃO NA AQUISIÇÃO DE L2

Quanto mais o input for negociado para aumentar o nível de compreensão, maior será o potencial de utilidade enquanto um insumo que está sendo bem direcionado para um nível particular de desenvolvimento e de necessidade de aquisição do aprendiz.

Com relação a essa afirmação, Long (1996), citado por Ellis (2002), vem propor uma *hipótese da interação*. Nos estudos desenvolvidos, a partir dessa hipótese, pôde ser observado que os intarctantes lançavam mão de táticas conversacionais para resolver dificuldades de comunicação, dentre elas: repetição, pedidos de esdarecimento, verificação de compreensão e confirmação de entendimentos ou outra estratégia.

Em que pese a contribuição desse tipo de abordagem que volta-se para uma observação da interação real, Mitchell e Myles (1998) criticam-na, por exemplo, quanto ao fato de voltar o foco para as negociações, de forma que poucos estudos focalizam algumas estruturas sintáticas para tentar detecta-las nos processos de negociação e instrução nos quais aparecem, a fim de documentar como aspectos gramaticais são desenvolvidos na interação. Além disso, os trabalhos voltados para a interação têm sido desenvolvidos apenas no ocidente, em contextos educacionais de anglo falantes. Seria necessário que fossem feitos estudos interculturais sobre interações entre falantes menos fluentes para que se pudesse afirmar que a negociação de significados é realmente um fenômeno universal e se é confirmado seu papel de facilitadora do processo de aquisição de L2.

3 O MODELO DE PIDGINIZAÇÃO E DE ACULTURAÇÃO DE SCHUMANN

Na década de 70, com base em estudos sobre aprendizes de L2 fora de contextos educacionais, Schumann (1978, apud Mitchell e Myles, 1998), percebeu que a interlíngua que desenvolviam nos estágios iniciais era muito parecida com pidgins¹, apresentando características como ordem fixa de palavras e ausência de flexões.

Schumann propõe o “conceito de aculturação como forma de explicar os vários níveis de sucesso atingido por aprendizes de L2 adultos e que não passaram por qualquer instrução.” Assim, a passagem para outros estágios da interlíngua, além da pidginização, dependeria de maior ou menor contato social e psicológico com o grupo da língua alvo.

Críticas à teoria: as formas iniciais de interlíngua não são necessariamente iguais a pidgins. Além disso, a simplificação não é a única característica encontrada nos pidgins (Mitchell e Myles, 1998). Quanto à teoria da aculturação, destaco a crítica de Ellis (1994) no sentido de que esse modelo não traz contribuições para a compreensão de como o conhecimento em L2 é

¹ Pidgin: uma língua que se desenvolve como uma língua de contato quando grupos de pessoas que falam línguas diferentes tentam se comunicar umas com as outras. Por exemplo, quando negociantes brasileiros tentam se comunicar com populações locais ou grupos de trabalhadores que possuem um idioma diferente do seu.

internalizado. Também é relevante a crítica de Mitchell e Myles (1998) a Schumann no sentido de que ele parte do pressuposto que as relações sociais dos aprendizes, suas motivações e atitudes, por exemplo, são fixas, não sofrendo mudanças ao longo do tempo, nem em função do contexto social mais imediato.

As teorias de Schumann, no entanto, não se limitam a descrever o fenômeno amplamente reconhecido dos diferentes níveis de sucesso atingido pelos aprendizes, elas tentam dar uma explicação. Além disso, há um destaque para a influência do contexto social sobre o processo de aquisição de L2, ou seja, não se pensa neste processo em abstração. Tais aspectos são certamente contribuições relevantes para os estudos sobre aquisição de L2.

4 A TEORIA SOCIOCULTURAL

A teoria sociocultural, como as outras teorias de aprendizagem, tenta iluminar o processo de aprendizagem em diversos setores. Recentemente ela tem sido utilizada como mais uma fonte de compreensão do processo de aquisição de L2. Baseada nos *insights* teóricos de Vygotsky, ela tem como um dos princípios centrais a mediação. Isso quer dizer que os seres humanos utilizam-se de ferramentas físicas ou simbólicas para “organizar e manter controle sobre o self e suas atividades físicas e mentais” (Mitchell e Myles, 1998). Assim, a linguagem, enquanto ferramenta simbólica mais importante, permite ao ser humano organizar e controlar processos mentais – memória, atenção voluntária, aprendizagem, etc.

Essa teoria opera a partir de alguns construtos básicos para a compreensão dos processos de construção social das estruturas superiores de cognição, posto que todo o processo de aprendizagem envolve inicialmente negociação interpessoal e intrapessoal. Conforme apontado por Mitchell e Myles (1998), há o processo de regulação, que pode ser feito pelo próprio indivíduo, isto é, a *auto-regulação* – quando este é maduro e capaz de agir com autonomia – e a *regulação pelo outro* – que diz respeito ao processo pelo qual a criança ou o indivíduo sem habilidade desenvolve tarefas sob o direcionamento de outra pessoa, isto é, o par mais competente. Este oferece ao aprendiz um diálogo de suporte – conhecido com andaimes, de forma que vai conduzindo a atenção do aprendiz para os elementos mais relevantes para a resolução da tarefa. Assim sendo, tal mecanismo tem uma característica dialógica e interpessoal, levando à internalização, pelo aprendiz, de um conhecimento que co-construído através da interação em atividade compartilhada.

Uma perspectiva dialógica da comunicação é fator crucial para a construção conjunta de conhecimentos, inclusive no que diz respeito às formas lingüísticas. Estas são, inicialmente, desenvolvidas internamente e depois internalizadas pelo indivíduo.

5 PERSPECTIVAS SOCIOLINGÜÍSTICAS EM AQUISIÇÃO DE L2

O fato de considerar a aprendizagem como processo localizado no social e na história permite sua interlocução com perspectivas sociolingüísticas que tentam dar conta de como fatores como relações de poder, afeto e emoção, expectativas culturais, a identidade e a auto-estima dos aprendizes de L2 entram em jogo e influenciam todo o processo.

A etnografia da comunicação, como afirmam Mitchell e Myles (1998), “estuda os papéis sociais da linguagem na estruturação da identidade dos indivíduos e na cultura de comunidades e sociedades” e, além disso, “estuda contextos e eventos nos quais os participantes fazem um grande esforço para atingir seus objetivos comunicativos através de uma L2.”

O processo de aquisição e uso de L2 sofrem uma grande influência social, não sendo um processo que ocorra em um terreno de neutralidade, o que aumenta a dificuldade da tarefa de se aprender uma L2.

6 ENSINO DE LÍNGUAS

Na literatura da área de ensino de L2 encontram-se menções à influência dos estudos da linguagem e de aprendizagem para a definição de modelos de ensino, de organização de conteúdos e propostas de atividades. Da mesma forma, as teorias sobre aquisição de L2 poderiam contribuir para a construção de um referencial teórico voltado para o ensino de línguas.

Na verdade, Ellis (1997) discute como, após a diversificação das sub-áreas da pesquisa em aquisição de L2, encontram-se conjuntos de teorias que não têm ligação direta com o ensino, enquanto outras guardam uma relação mais estreita – uma delas volta-se para a investigação do papel do input e da interação no processo; a outra diz respeito à instrução que focaliza a forma. Ellis sublinha que para os próprios professores o que mais importa é diminuir a distância entre pesquisa e a pedagogia da linguagem. Assim, o conhecimento técnico poderia contribuir no sentido de construir um conhecimento prático.

Na verdade, é necessário que os estudos alarguem o foco de investigação de forma a abarcar fatores de ordem social, cognitiva e afetiva.

CONCLUSÃO

Conforme apontado na introdução, este ensaio visou apresentar um resumo de algumas teorias e abordagens que investigam o processo de aquisição de L2. Vimos como algumas se ocupam mais do aspecto lingüístico, outras mais do cognitivo e outras mais do social.

Embora o limitado escopo deste ensaio, parece que as teorias, abordagens e as críticas feitas a elas apontam para a necessidade de se construir uma investigação que contemple aspectos cognitivos, afetivos e sociais em conjunto, pois, afinal, a investigação do processo de aquisição de L2 passa, necessariamente, pelo aprendiz – com sua identidade, suas estratégias, expectativas, etc. - e pelo contexto social – com negociações de poder, expectativas culturais, etc. – na tentativa de usar uma L2 para negociar significados.

ABSTRACT: this assay it shows the need to comprehension of the processes as of acquirement as of follows idiom (L2), right through different theories than it is to they envelop the one lingüística diligent , by causes comunicacionais and for improved comprehension of the causes appurtenant to the achievements and insucessos observed well into apprentices as of L2.

REFERÊNCIAS

ELLIS, R. *The Study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

MITCHELL, R.; Myles, F. *Second Language Learning Theories*. London: Arnold Publishers, 1998